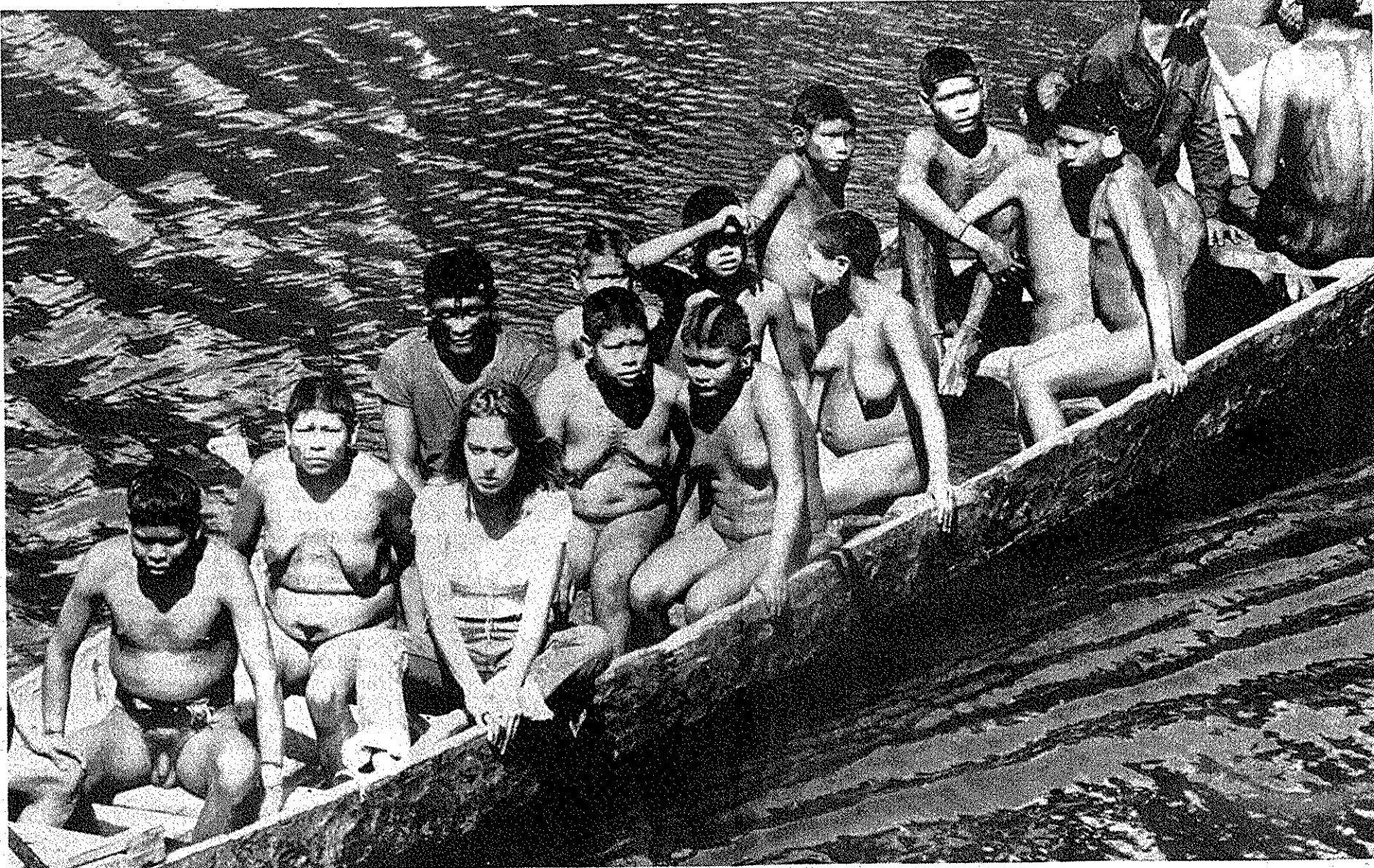


FSP
6/4/98 5-10
PANARÁ 7/3

LANÇAMENTO

Fotos Pedro Martinelli/Reprodução



Índias da tribo Panará são conduzidas pela antropóloga Valéria Parise para acampamento da Funai, em foto que integra o livro "Panará - A Volta dos Índios Gigantes"

Livro retoma saga de "índios gigantes"

EDER CHIODETTO
Editor-adjunto de Fotografia

De repente, um estrondo. Um agouro. Em seguida, uma falsa estrela cadente rasgou o céu sobre a aldeia dos índios Panarás, que rapidamente se armaram de arcos e flechas para combater o invasor. Não o atingiram. Nesse momento, sem saber, trocavam a condição de caçadores pela de caça.

O ano era 1967, e a falsa estrela, um avião A-19, de onde o sertanista Claudio Villas Bôas comandava uma expedição com a intenção de pacificar (?) os índios Panarás, ou Kranhacãrore, ou ainda índios gigantes, já que alguns tinham estatura superior a dois metros.

O local era a divisa entre os Estados do Pará e Mato Grosso, onde urgia a necessidade de construir uma estrada que ligasse o Brasil

central ao rio Amazonas e ao mar, a rodovia Cuiabá-Santarém. Era preciso fazer contato com os Panarás e prepará-los para o encontro inevitável com o homem branco. Era o milagre econômico brasileiro se expandindo pelo mapa.

O livro "Panará - A Volta dos Índios Gigantes", que está sendo lançado hoje no Sesc Pompéia, em São Paulo, traz essa saga narrada pelos jornalistas Ricardo Arnt, Lú-

cio Flávio Pinto, Raimundo José Pinto e com fotografias de Pedro Martinelli, que acompanhou a expedição nos anos 70, quando foi realizado o primeiro contato com os índios, e voltou a encontrar os Panarás em 1995.

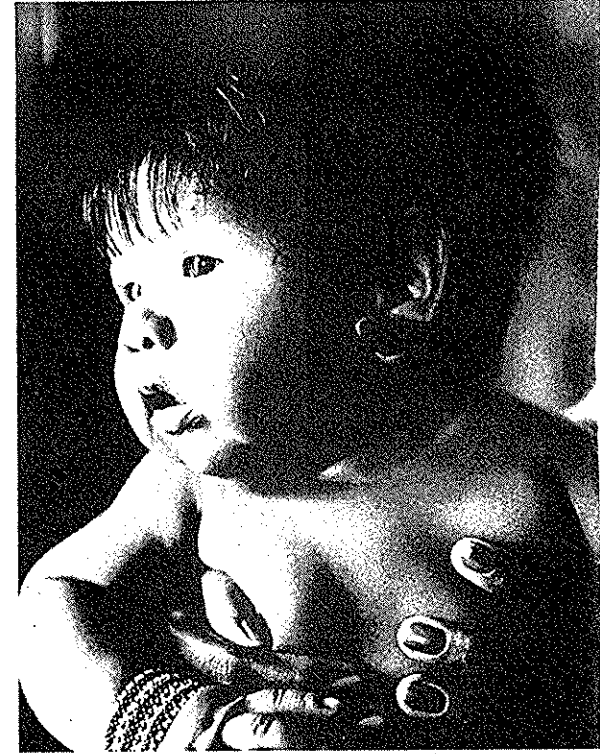
Desde a primeira visão que a expedição teve dos Panarás, naquele sobrevôo de 1967, até o primeiro contato, em 1973, a história da perseguição aguçou a curiosidade

da imprensa mundial. Os Panarás bem que tentaram evitar esse primeiro contato, provavelmente porque tinham a percepção do que lhes aconteceria. Durante esses seis anos, mudaram inúmeras vezes a localização da aldeia.

Mas o destino estava selado. Dois anos após o fatídico dia em que os Panarás permitiram a aproximação, seduzidos pelos presentes deixados pelo caminho, a tri-

bo, estimada em 600 índios, já havia se reduzido a 79.

Vitimados pela gripe, diarreia e brigas internas, esses poucos que restaram foram transferidos para o Parque Indígena do Xingu. Apenas 25 anos mais tarde, após conhecerem prostituição, doenças, fome e mendicância, conseguiriam retornar para sua terra original. A falsa estrela cadente, de fato, era um péssimo presságio.



A esq., índio com marcas no peito deixadas por ritual; à dir., criança nascida na região retomada pela tribo

Evento inclui exposição, vídeo e debate

da Redação

"Nós estávamos na aldeia e começou a morrer todo mundo. Estávamos doentes e fracos e não conseguimos enterrar os mortos. Ficaram apodrecendo no chão. Os urubus comeram tudo."

Esse depoimento do chefe Akê Panará e um poema de Carlos Drummond de Andrade são alguns dos destaques de "Panará - A

Volta dos Índios Gigantes".

Junto com o lançamento do livro, será inaugurada uma exposição com fotos de Pedro Martinelli e projetado o documentário "O Brasil Grande e os Índios Gigantes", de Aurélio Michiles. Às 21h, haverá a mesa redonda "Testemunhos da História dos Panará".

Editado pelo Instituto Socioambiental em parceria com a Rainforest Foundation International, o

livro tem 168 páginas e 99 fotos. Pode ser adquirido hoje, no lançamento, pelo site <http://www.zaz.com.br/panara>, ou ainda pelo telefone (011) 825-5544. O preço é R\$ 35. (EC)

O quê: lançamento do livro "Panará - A Volta dos Índios Gigantes"

Quando: hoje, a partir das 18h30

Onde: Sesc Pompéia (r. Clélia, 93, tel. 011/3871-7777)